
O adolescente, o “ficar” e a família The teenager, the "making out" and the family

PATRÍCIA FREITAS¹
ADRIANE GISBERT MARANHO²

RESUMO: Convivendo com adolescente no dia-a-dia é notório e curioso seu comportamento diante das novidades acerca dos relacionamentos ‘amorosos’. O despojamento e a naturalidade com que eles tratam o assunto é digno de uma investigação mais detalhada. Partindo das premissas citadas acima buscamos evidenciar como ocorre atualmente a relação dos adolescentes com o “ficar” – palavra usada por eles para definir envolvimento sem compromisso -, e qual é a relação da família diante dessa temática. Para isso, foram feitas observações, diálogo informal, aplicação de questionário e produção de textos que abarcam o tema em questão, sendo estudantes da 7ª série de uma escola particular na cidade de Maringá – PR. Por intermédio desta pesquisa pretendemos desvendar as diferentes opiniões dos meninos e meninas em relação ao namoro e ao “ficar”.

Palavras-chave: Adolescente. “Ficar”. Família.

ABSTRACT: If you deal daily with teenagers, you can notice how curious their behaviors are when they are related to their love relationships. The spontaneity and naturalness they present when they confront the matter deserves to be observed and studied. Considering the premises above, we intend to show how teenagers are connected to the short-term relationships called "making out" – expression used by them to define a relationship with little involvement and no commitment -, as well as what role the family plays facing that theme. For that, were counted on observations, informal chats, questionnaires and texts that are related to

¹Professora Mestre Faculdade Ingá – UNINGÁ – Rua Pioneiro Mucio Rodrigues, 1237B, Jd. Brasil, Cep 87005-190, Maringá-PR, e-mail: uninga@uninga.br

² Acadêmica do Curso de Psicologia Faculdade Ingá – UNINGÁ.

our main subject. All this material was supplied by students of the 7th year of a private school from Maringá – PR. This paper aims to unmask the different opinions of boys and girls regarding the relationships between boys and girls who "date" and the one of boys and girls who "make out".

Key-words: Teenager. "Making out". Family.

INTRODUÇÃO

De acordo com Aberastury (1982), o termo adolescência significa em latim (*ad*: a, para a + *olescere*: forma incoativa de *olere*, crescer) significa a condição ou o processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente entre os 13 e os 23 anos.

Na definição do Novo Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), a palavra adolescência quer dizer (Do lat. *Adolescentia*.) *S.f.* **1.** O período da vida humana que sucede à infância começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos). **2. Psicol.** Período que se estende da terceira infância até a idade adulta, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social.

Na concepção de Melman (1997), “[...] a adolescência representa, na nossa cultura, o que se chama de crise psíquica.” Essa crise ocorre devido às inúmeras transformações biológicas e psíquicas decorrentes dessa fase. Para o autor, crise psíquica corresponde ao momento em que um sujeito não encontra o lugar de seu gozo, ou seja, não apresenta ainda o que caracteriza o adulto: o hábito e a repetição.

[...] a adolescência é esse momento em que o que até aqui, enquanto criança, funcionava no registro da privação, bruscamente, vai lhe dar acesso a esse campo infinitamente mais complexo que é o da castração. Trata-se do fato de que não basta ter esse instrumento para possuir seu exercício, mas que o processo do acesso à sexualidade faz-se de maneira muito mais complexa.

Segundo o autor citado acima, o que é impressionante é a discordância que nossa cultura mantém entre ponto de vista biológico, subjetivo e social. Para ele, do ponto de vista biológico é evidente que o adolescente está maduro e, portanto, às voltas com desejos sexuais. Ele aponta também a discordância em relação ao estatuto biológico e o estatuto social. O primeiro mostra a manifestação sexual na adolescência, o segundo diz ser o adolescente, juridicamente, incapaz para o ato sexual. A outra discordância apontada pelo autor é subjetividade, o exato momento em que o adolescente descobre o corpo, um corpo que faz suas exigências. Não podendo contar com ninguém, o adolescente e, diante da discordância entre o que seu corpo “fala”, o que o estatuto social prega e o que sua subjetividade aponta, ao adolescente o ato que, segundo Lacan “não há nada a esperar de ninguém e que é preciso se virar sozinho”.

O autor defende a idéia de que o adolescente deve ter o mesmo direito a ingressar no mundo adulto ao mesmo tempo em que na vida sexual. No entanto, o traço maior de nossa cultura é deixar ao sujeito, a responsabilidade de sua implicação na vida sexual, deixando-o muitas vezes ir de encontro às reações familiares e sociais que podem querer se opor.

Melman (1997) relaciona o adolescente ao Minotauro (deus meio-humano, meio-animal), um deus que devora os jovens – o deus da castração.

Rassial (1997) diz que a adolescência começa a partir de uma transformação fisiológica e termina por uma transformação sociológica: a entrada na vida social. A psicologia tradicional costumava dizer que a adolescência era um período de acomodação, de arranjo do ego, a partir de causas externas ao psiquismo.

Segundo o autor, do ponto de vista psicanalítico,

a adolescência é uma operação de um peso tal em que a estrutura subjetiva, além da imagem do eu, é colocada em causa por seu efeito e por sua ausência; e se uma tal operação é concebível, ela trará conseqüências para a clínica e para a prática da cura. Não é porque o eu é imaginário que as modificações dele são em conseqüências simbólicas.

Corso e Corso (1997) comparam o fim da infância ao *game over*, ou seja, acabou, chegou ao fim o “controle”. “É uma sensação de

que o tempo que os pais tinham para educar seus filhos acabou. Os controles não funcionam mais, não respondem”.

Ainda de acordo com os autores citados acima, mais do que partilhar do alarmante que pode ser determinadas vivências adolescentes, os perigos, as irresponsabilidades etc., pensamos que há nesse modo de ver uma postura bastante preconceituosa por parte dos ditos adultos. “A adolescência é o momento de ruptura com a posição, própria da infância, de ser uma possessão dos pais”. Na verdade os pais apresentam inúmeras dificuldades de ver que seu filho cresceu, se tornou um ser adulto e que é um momento de assumir uma nova postura enquanto pai e mãe.

Os autores mencionam que um cordão umbilical ainda faz trocas subjetivas entre o inconsciente de pais e filhos. Segundo eles, a adolescência tem como premissa o corte desse cordão, ou seja, uma distância se consolida. Conforme Corso e Corso (1997)

Pais e adultos, em geral, pouco podem elaborar sobre adolescência: a se portar como se fossem ainda adolescentes ou negam o fenômeno revelando essa incapacidade de compreender de que falávamos. Torna-se óbvio, então, pensar que a impossibilidade de saber sobre a adolescência advém da impossibilidade de saber sobre a sua adolescência”.

Para eles, ao estudar a adolescência, constatamos que não é preciso esperar a morte real dos pais para que se opere algo dessa ordem. E dizem mais: a operação própria da adolescência é a agonia e morte dos pais reais enquanto suporte do ideal. A desidealização dos pais, sua conseqüente queda da posição de amantes, amados e alicerces, deixa o sujeito frente aos seus pais reais, que obviamente ainda estão por ali, numa posição de estranhamento.

[...] O desencanto é mútuo, os corpos ardentes, o fantasma da separação ronda a relação, mas o divórcio, longe de ser eminente realidade, é uma sombra. Na verdade, o processo continua, o adolescente ainda não é adulto, os pais ainda não estão velhos, seguindo com o game *insert coins*.

Salientam através da teoria de Freud que o adolescente pode ser definido do seguinte modo: “[...] inquietante estranheza, estranho,

sinistro, são as formas mais habituais de dar conta de um significante que, de fato, não tem nenhuma correspondência em português". O novo comportamento apresentado pelo adolescente, segundo os autores, causa o estranhamento e abre as portas para a agressividade.

É preciso lembrar que, quando chega a adolescência, a infância acabou. O sujeito é parido subjetivamente da família: é expulso do corpo sintomático em cujo ventre se formou.

É francamente observável que o olhar crítico, fruto da nova distância daquele que se torna um outro indivíduo, não mais parte integrante do ser dos pais, aponta as fragilidades dos adultos enquanto possíveis modelos identificatórios. Aqui, de acordo com os autores, caímos noutra questão: a da relação dos adultos enquanto pais com a tradição em que estão submersos, a qual, reconhecida ou não, constitui o substrato simbólico que os faz ser o que são.

A própria família nuclear baseada na livre escolha amorosa traz já em seu cerne o seu próprio ponto de ruptura, pois se baseada na livre escolha deve trabalhar no sentido de liberar a criança de si mesma. "A criança deve ter sua história individual, independente das origens sociais e culturais de seus pais." (CORSO; CORSO, 1997)

Os pais, hoje, julgam-se em profunda falta relativa aos pais que deveriam ser, e tudo o que fazem visa compensar os filhos pelos pais que eles "não tem".

Nessa relação pais e filhos, segundo Corso e Corso (1997), os pais costumam ter duas saídas, a retrógrada e a moderninha: na primeira, decretam seu permanente estado de horror, excluindo-se da cena; na segunda, retroagem à própria posição de adolescentes, dando camisinhas a assustados púberes que conhecem tão bem seus corpos e os do seu oposto.

De acordo com Pereira (1997) é bem visível para todos nós o amor das crianças pelos pais e pelos educadores: eles têm um saber. Mas é notável a posição ambivalente, oscilante, entre o amor e o ódio que temos, neuroticamente, em relação ao ensino e à educação.

Para essa autora, tanto a castração quanto a educação são caminhos subjetivos a serem percorridos por cada criança, processos através dos quais se podem esperar que cada um chegue a achar um lugar

no mundo dos adultos. Sofrem processos de transformações, de metamorfose.

Quando uma criança entra no processo da adolescência, coloca em questão, de forma radical, a sua identidade e ainda mais: reinterroga também a identidade dos pais, a do casal, e, de forma ampla, todo o laço social (PEREIRA, 1997).

A autora ainda salienta que:

Em termos de educação, a escola constitui um ponto nodal na nossa sociedade. É onde se dá a passagem família (âmbito das trocas privadas) para a coletividade, encontro e muitas vezes confronto do projeto familiar e do projeto social. O lugar que cada um virá a ocupar como adulto, no percurso aí realizado. Neste, a posição de adolescente se diferencia, e muito, daquela da infância.

Com a irrupção da puberdade, dos imperativos do corpo e da sexualidade, o adolescente vai ver-se às voltas com a difícil tarefa de ter que dominar essa espécie de vulcão e, ainda por cima, vir a se posicionar sexualmente. "Ele vai descobrir que a satisfação relativamente à qual ele é agora autorizado, a satisfação genital. É também uma satisfação parcial, não garante nenhum gozo total".

A autora afirma que é inevitável que o adolescente se depare também com o fato de que a sociedade que o esperam o exercício da vida adulta é organizada sintomaticamente, é cheia de falhas e contradições. Diante disso, o adolescente é um bom denunciante, tudo o que ele quer é não ser "contaminado", não ter a ver com essa castração que organiza nossas relações.

Mas para assumir o mundo em que se está com responsabilidade, indo um pouco além do lugar da metamorfose ambulante do adolescente, é preciso que o adulto que esteja engajado nos lugares de transmissão possa, ele também, manter algumas significações na vida que sejam diferentes dos modelos massificados de gozo que prometem a adequação impossível à imagem do ideal. "[...] não estar totalmente mergulhado num imperativo de gozo que o faça esquecer isso com que o adolescente se encontra essa verdade fundamental: que no

Outro há essa falta que nenhum saber pode vir a completar” (PEREIRA, 1997).

Numa outra abordagem Aberastury (1992) comenta que as mudanças psicológicas que se produzem na adolescência levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. *“Só quando o adolescente é capaz de aceitar, simultaneamente, seus aspectos de criança e de adulto pode começar a aceitar em forma flutuante as mudanças do seu corpo e começa a surgir a sua nova identidade”*. De acordo com a autora, esse longo processo de busca de identidade ocupa grande parte da sua energia é a conseqüência da perda da identidade infantil que se produz quando começam as mudanças corporais.

Por outro lado, conforme destaca Aberastury (1992), os pais também vivem os lutos pelos filhos, ou seja, eles também precisam fazer o luto pelo corpo do filho pequeno, pela sua identidade de criança e pela sua relação de dependência infantil. A situação agora é diferente. Os pais são julgados pelos filhos, e a rebeldia e o enfrentamento são mais dolorosos se o adulto não tem consciente os seus problemas frente ao adolescente.

O adulto se agarra a seu mundo de valores que, com triste freqüência, é o produto de um fracasso interno e de um refúgio em conquistas típicas de nossa sociedade alienada. O adolescente defende os seus valores e despreza os que o adulto quer lhe impor; ainda mais sente-os como uma armadilha da qual precisa escapar.

Aberastury (1992) afirma que são três as exigências básicas de liberdade que apresenta o adolescente de ambos os sexos a seus pais: a liberdade nas saídas e horários, a liberdade de defender uma ideologia e a liberdade de viver um amor ou um trabalho.

Se estas exigências não forem bem trabalhadas, ou seja, se os pais partirem do ponto de que a necessidade de liberdade do filho deve acontecer segundo o seu controle, o risco de conflito é grande. Segundo a autora, *“o adolescente precoce, a criança em torno dos dez anos, sente uma grande necessidade de ser respeitada na sua busca desesperada de identidade, de ideologia, de vocação e de objetos de amor”*. Caso isso não ocorra, será muito difícil que no momento da adolescência haja uma compreensão e diálogo entre os pais e os filhos.

Por outro lado, além da dificuldade de relacionamento entre pais e filhos, percebe-se também a dificuldade de relacionamento do adolescente com o mundo externo, uma vez que as mudanças de seu corpo pedem uma mudança de papel frente ao mundo exterior, e o mundo exterior exige-lhe se ele não o assume. “*Esta exigência do mundo exterior é vivida como uma invasão a sua própria personalidade*”.

Aberastury (1992) ressalta também que mesmo que o adolescente não queira, é exigido como se fosse um adulto, e essa exigência do mundo exterior geralmente o conduz – como defesa – a manter-se nas suas atitudes infantis.

Na concepção de Osório (1989), a adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano, pois nela culmina todo o processo maturativo biopsicossocial do indivíduo. [...] “a adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definitiva como também a estruturação final da personalidade”.

O autor defende o ponto de vista de que o perfil básico do adolescente é delineado por mecanismos psicossociais: *crise e identidade*.

Segundo Osório (1989), devemos conceber a palavra **CRISE** como ato ou faculdade de escolher, decidir e/ou resolver algo. “*A adolescência é uma crise vital como são tantas outras ao longo da evolução do indivíduo (o desmame, o início da socialização ao término da 1ª infância, o climatério, etc.)*”.

O autor explica que **IDENTIDADE** é a consciência que o indivíduo tem de si mesmo com um “ser no mundo”. Para ele, a identidade é o conhecimento por parte de cada indivíduo da condição de ser uma unidade pessoal ou entidade separada e distinta dos outros, permitindo-lhe reconhecer-se o mesmo a cada instante de sua evolução ontológica e correspondendo, no plano social, à resultante de todas as identificações prévias feitas até o momento considerado.

Do ponto de vista psicológico considera-se que a tarefa básica da adolescência é a aquisição desse sentimento de identidade pessoal. Por isso, diz-se que a crise evolutiva do processo adolescente é, sobretudo, uma *crise de identidade*”.

O adolescente, via de regra, experimenta uma série de eventos psicológicos que culminam naquilo que denominamos de aquisição de sua identidade sexual.

Osório (1989) salienta que o adolescente tem uma representação mental do seu corpo, portanto idealizada e que nem sempre corresponde à sua *imagem corporal*. O autor afirma ainda que o conflito esteja na imagem "fantasiada", portanto idealizada, e a imagem "real" que o adolescente tem do seu corpo em transformação. Ele acredita ser essa a raiz das ansiedades do adolescente com respeito a seus atributos físicos e a desejada capacidade de atrair o sexo oposto, isto é, a vertente somática de seus conflitos na esfera sexual.

São vários os dilemas vividos pelo adolescente no mundo contemporâneo. Passando pelas dúvidas e perplexidades existenciais, suas angústias frente à necessidade de propor-se um projeto de vida pessoal e profissional, sua desesperança frente à impossibilidade de reassseguramento através do futuro predizível, os dilemas vocacionais e sexuais. Diante de tais decisões, o adolescente sente-se perdido e desorientado em lidar com inúmeras mudanças e cobranças sociais.

Na questão afetiva o adolescente também apresenta dificuldades em lidar com os sentimentos, principalmente quando a energia é canalizada para o sexo oposto, segundo o cronista Arnaldo Jabor (2005), em seu texto "Ser ou não ser de ninguém?", afirma que é possível aprender amar se relacionando. Trocando experiências, afetos, conflitos e sensações.

Não precisamos amar sob os conceitos que nos foram passados. Somos livres para optarmos. E ser livre não é beijar na boca e não ser de ninguém. É ter coragem, ser autêntico e se permitir viver um sentimento... É arriscar, pagar para ver e correr atrás da felicidade. É doar e receber, é estar disponível de alma, para que as surpresas da vida possam aparecer. É compartilhar momentos de alegria e buscar tirar proveito até mesmo das coisas ruins. Ser de todo mundo, não ser de ninguém, é o mesmo que não ter ninguém também... É não ser livre para trocar e crescer... É estar fadado ao fracasso emocional e a tão temida solidão.

Diante do exposto é possível afirmar que o comportamento do jovem reflete a inabilidade das famílias em tratar as mudanças biológicas

e naturais que ocorrem no organismo do adolescente nessa fase da vida, bem como a pressão que o mesmo sofre por parte da sociedade.

Para isso temos que pensar como o jovem pode construir seu futuro numa sociedade em que as pessoas divergem em vários aspectos e chegam ao extremo de não assegurar sua própria sobrevivência.

PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

A partir da informação de que deveríamos realizar um trabalho de pesquisa, como cumprimento da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II do curso de Psicologia da Faculdade UNINGÁ, que poderíamos optar entre infância, adolescência, maturidade, morte e velhice, começamos a refletir e chegamos a conclusão que seria interessante investigar algo referente ao universo dos adolescentes.

Para isso escolhemos o local de estágio e a turma que gostaríamos de investigar. Em seguida começamos o trabalho: definimos qual seria o tema, os objetivos e os procedimentos que adotaríamos para iniciarmos de fato o trabalho.

A primeira etapa foi entrarmos em contato com a coordenadora da escola e pedirmos autorização e consentimento para a realização do trabalho. Em seguida conversamos com os 68 alunos (sendo 34 meninos e 34 meninas, ambos os sexos com idade aproximada entre 12 e 13 anos) das turmas escolhidas (7ª séries 1 e 2) para explicarmos em que consistia o trabalho.

Outro momento do trabalho foi o contato com o setor de Recursos Humanos da escola a fim de obtermos informações para a caracterização do local de estágio.

O trabalho envolveu os seguintes passos: o registro no quadro-negro, discussão dos temas: "O adolescente, o 'ficar' e a família"; Aplicação do questionário composto por oito questões elaboradas pela pesquisadora (acadêmica do curso de Psicologia) acerca do tema; a leitura e discussão do texto "Namorar ou Ficar?", publicado na Revista *Atrevida* (1994); uma enquête no quadro-negro com a pergunta Namorar ou Ficar? E por fim, a leitura e interpretação do texto "Ser ou não ser de ninguém?", de Arnaldo Jabor (2005) e produção textual.

Foram necessárias três aulas em cada turma da 7ª série para a realização do trabalho com os alunos. Na primeira aula exploramos o tema "O adolescente, o 'ficar' e a família". Os alunos se manifestaram de modo espontâneo, deram depoimentos e opiniões. Em seguida, aplicamos

o questionário. Cada aluno foi orientado a responder individualmente, sem a interferência do colega.

Na segunda aula entregamos para cada aluno uma cópia do texto "Namorar ou Ficar?". Um aluno leu em voz alta a opinião do SIM e outro aluno leu a opinião do NÃO. Conversamos sobre a opinião daqueles adolescentes que escreveram para a revista há mais de 10 anos em confronto com a opinião deles, que fazem parte de outra geração.

Numa terceira aula foi feita a leitura do texto "Ser ou não ser de ninguém", de Arnaldo Jabor (2005), e a interpretação do texto. Após essa etapa registramos novamente no quadro-negro o tema trabalhado e solicitamos a produção de um texto argumentativo. Os alunos receberam uma folha de bloco do colégio para a produção do texto, que deveria ter no mínimo vinte linhas. Esta atividade foi realizada em uma hora/aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o questionário, os alunos revelaram os seguintes resultados em relação às questões elaboradas.

Na questão 1- "Ficar" é..., 29,41% dos alunos assinalaram que é ruim; 30,88% assinalaram que é bom; 44,11% assinalaram que é ótimo; e 22,05% assinalaram que é indispensável.

Na questão 2- "Ficar" significa ficar com a mesma pessoa: 33,82% marcaram uma vez; 4,41% marcaram duas vezes; 2,94% marcaram três vezes; e 58,82% marcaram que a quantidade de vezes é indiferente.

Na questão 3- "Ficar" com pessoas diferentes numa mesma noite é: 42,64% dos alunos disseram que é normal; 1,47% que é certo; 54,41 que é errado.

As três primeiras questões revelam o que já foi expresso pelo cronista Arnaldo Jabor em seu texto "Ser ou não ser de ninguém?" e também pelo autor Rassial (1997).

"Ficar também é coisa do passado. A palavra de ordem agora é "namorix". A pessoa pode ter um, dois, e até três namorix ao mesmo tempo. Dificilmente está apaixonado pelo seu namorix, mas gosta da companhia do outro e de manter a ilusão de que não está sozinho." (JABOR, 2005)

“O estado amoroso tal qual o adolescente prova é um estado que vale não somente pela sua instabilidade, mas também pela sua abertura sobre a verdade.”
(RASSIAL, 1997)

Na questão 4 - O emocionante é: 50% assinalaram que o emocionante é “ficar” escondido; 8,82% que “ficar” na frente dos outros; e 44,11% mostraram-se indiferente quanto ao modo de como ficam ou onde ficam.

Na questão 5 - Contar para os pais sobre as “ficadas” é: 27,9% dos alunos disseram que é importante; 10,29% disseram ser fundamental; 55,88% disseram que é dispensável; e 5,88% que é indispensável comunicar as “ficadas” aos pais.

O resultado da questão cinco, respondida pelos alunos em questão, segundo Corso e Corso (1997),

“A adolescência é o momento de ruptura com a posição, própria da infância, de ser uma possessão dos pais.”

Desse modo, podemos dizer que a existência desse momento de ruptura leva o adolescente a acreditar que não faz sentido contar sobre suas “ficadas” para os pais, afinal, agora, ele passa a ser o responsável pelos seus atos.

Na questão 6 - Em relação ao “ficar”, os pais costumam: 10,29% revelaram que os pais incentivam; 64,70% disseram que os pais orientam; 10,29% disseram que os pais recriminam; e 14,70% dos alunos disseram que os pais reprimem. De acordo com Corso e Corso (1997), *“os pais costumam ter duas saídas, a retrógrada e a moderninha: na primeira, decretam seu permanente estado de horror, excluindo-se da cena; na segunda, retroagem à própria posição de adolescentes, sendo mais avant garde que os próprios, dando camisinhas a assustados púberes que conhecem tão bem seus corpos e os do seu oposto”*.

Na questão 7 - Depois de “ficar”, a sensação que fica é: 54,41% dos alunos assinalaram que é a sensação de prazer; 42,64% a sensação de euforia; 0% assinalou a sensação de tristeza; e 2,94% a sensação de frustração.

Na questão 8 - “Ficar” é: 50% dos alunos disseram que é pura curtição; 45,58% disseram que é possibilidade de namoro; e 4,41% disseram que é passa tempo.

As respostas dos alunos às questões sete e oito vêm de encontro com o que diz a autora Pereira (1997), em seu texto “Essa Metamorfose Ambulante”. Segundo a autora, com a irrupção da puberdade, dos imperativos do corpo e da sexualidade, o adolescente vai ver-se às voltas com a difícil tarefa de ter que dominar essa espécie de vulcão e, ainda por cima, vir a se posicionar sexualmente.

Em relação à enquete “Ficar ou Namorar?”, realizada na aula e devidamente registrada no quadro-negro, os alunos revelaram a seguinte opinião: 52,94% dos alunos disseram que o melhor é namorar, e 47,05% dos alunos disseram que o melhor é ficar. Isso mostra que, apesar dos tempos serem outros, os adolescentes de hoje, assim como os de 11 anos atrás, preferem namorar.

O dado estatístico mudou, é verdade, mas a essência não, como revela os dados comparativos da pesquisa atual mostrada anteriormente e os dados do texto publicado na revista *Atrevida*, em outubro de 1994, que mostra um índice diferente: 72,8% dos entrevistados disseram SIM ao namoro, e 27,2% dos entrevistados disseram NÃO.

Namorar é algo que vai muito além das cobranças. É cuidar do outro e ser cuidado por ele, é telefonar só para dizer boa noite, ter uma boa companhia para ir ao cinema de mãos dadas, transar por amor, ter alguém para fazer e receber cafuné, um colo para chorar, uma mão para enxugar as lágrimas, enfim, é ter alguém para amar (JABOR, 2005).

A partir da análise dos textos produzidos pelos alunos das 7^a séries 1 e 2, podemos observar que, de um modo geral, as meninas, apesar de defenderem o “ficar” na idade delas, por serem jovens demais, deixam nas entrelinhas que o ideal é o namoro, é o compromisso.

Os adolescentes, quando gostam da pessoa de verdade, querem assumir e começar o namoro. [...] Mas vamos concordar que é muito legal sair com uma mesma pessoa (R. C., 7^a 1).

[...] ficar com um menino pelo qual você é apaixonada e saber que a sua paixão é correspondida é quase um namoro sim. Talvez não usamos a palavra namoro por puro medo e também, é claro, porque para muitos

ficar não envolve o mínimo compromisso e, pior ainda, a mínima amizade (I. G. B., menina, 7ª 2).

O namoro pode ser bom porque ele envolve muito mais sentimento e cumplicidade, mas, em minha opinião, é melhor namorar do que apenas ficar, dependendo da pessoa com quem você vai se relacionar (M. A., menina, 7ª 2).

Os meninos, a grande maioria, acham que namorar não é o melhor, exatamente porque significa compromisso, "pegação no pé", mas, assim como as meninas, eles concordam que o namoro é importante e bom porque significa não estarem sozinhos.

[...] não é bom o jovem ficar sozinho, a companhia de alguém confiável é um bom modo de evoluir mentalmente, de amadurecer e trocar idéias, por isso o melhor a ser feito é ter um relacionamento como namorados [...] (P. C. V., 7ª 2).

O namoro é melhor do que ficar, pois você fica sempre junto, troca confidências e te ensina a ter responsabilidade e ser um jovem responsável no futuro (P. H. D., 7ª 1).

Devemos ficar, sim, mas namorar e ter alguém é melhor ainda, mesmo que "ficar" seja tão bom (L. A. C., menino, 7ª 2).

Em relação à opinião dos adolescentes em contar ou não para os pais sobre as "ficadas", muitos disseram não contar por sentir medo, porém, a maioria concorda que o correto é levar o assunto ao conhecimento dos pais, e ainda argumentam que os pais não deveriam brigar e sim orientá-los para tal situação.

Alguns adolescentes até contam para os pais, só que a maioria "fica" escondido porque ficar não é importante, preferem contar para os pais somente quando começarem a namorar (B. R. S. M., 7ª 1).

Há muitas maneiras de se ver o ficar, e os pais devem aprender a enxergar o que significa o ficar para seu filho (A. C. S. C., menina, 7^a 1).

A relação com a família é muito importante nesse assunto, muitos pais não sabem que seus filhos já beijaram na boca. O que impede os adolescentes de contar? Medo, talvez. [...] (L. C. S., menina, 7^a 1).

CONCLUSÃO

Ao trabalhar o tema "O adolescente, o "ficar" e a família" foi possível percebermos como é a relação que o adolescente de classe média alta, com estudos e informações, estabelece entre o "ficar" e a sua família.

Devido à natureza de informações verificamos que, apesar de pertencerem a famílias esclarecidas, os alunos demonstram-se inseguros e com medo de abordar tal assunto com seus familiares, principalmente com os pais.

Na verdade, no que diz respeito à participação dos pais dentro desse contexto, percebemos, na produção textual dos alunos que tal prática é inexistente. Os adolescentes não abordam tais assuntos com os pais porque temem a repressão. Muitos disseram que não se sentem a vontade para falar sobre suas intimidades com os pais, por receio, medo e até mesmo por vergonha.

Outro fato importante foi verificarmos que tanto os meninos quanto as meninas pensam do mesmo modo em relação ao "ficar". Achar que é pura curtição, que não importa a quantidade de vezes que "ficam" com a mesma pessoa. Os critérios são os mesmos para ambos os sexos: "ficar" é beijar na boca quando estiver com vontade; não ter que dar satisfações; não assumir compromissos; não telefonar no dia seguinte, entre outros.

Diante do exposto podemos dizer que os alunos, assim como os autores estudados, têm algumas preocupações em comum.

[...] é preciso que o adulto que esteja engajado nos lugares de transmissão possa, ele também, manter algumas significações na vida que sejam diferentes dos modelos massificados de gozo que prometem a adequação impossível à imagem do ideal. [...] (PEREIRA, 1997)

Na prática, a maioria dos adolescentes argumenta que "ficar" é melhor porque não requer responsabilidades nem compromissos e inspira

liberdade, porém, o que fica subentendido em seus escritos, na verdade, é o desejo de namorar e de assumir um compromisso.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- CORSO, M.; CORSO, D. **Game Over**. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- FERREIRA, A.B.H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- JABOR, A. **Ser ou não ser de ninguém?** Disponível em <http://rascunhos.llt.com.br/2005/01/crnica-de-arnaldo-jabor.html>. Acessado em 17/02/2007
- MELMAN, C. **Os Adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro**. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- OSÓRIO, L.C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PEREIRA, L.S. **Essa metamorfose ambulante**. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.
- RASSIAL, J.J. **A adolescência como conceito da teoria psicanalítica**. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

Enviado em: junho de 2007.

Revisado e Aceito: julho de 2007.